

ÓSCAR LOPES E A *BUSCA DE SENTIDO*

*A Busca de Sentido*¹ reúne 18 textos, mais um que os introduz; textos recentes, presumivelmente compostos entre 1989 e 1994, em parte inéditos, como os dedicados a Irene Lisboa, Miguel Torga e José Saramago, em parte semi-inéditos, porque só foram apresentados oralmente, como os dedicados a Eça de Queiroz, António Patrício, Mário de Sá-Carneiro ou os dedicados aos “conflitos” de Antero, à tessitura “inconsútil” de Eugénio de Andrade e à saudade, e em parte publicados, em jornais, revistas ou livros, como os dedicados a Camilo, Aquilino, Egito Gonçalves, Bento da Cruz, ou às conexões entre Amorim Viana, Antero e Sampaio Bruno, à releitura de Antero, à “Mãe-d’Água” de Eugénio de Andrade, às imagens do Cosmos na poesia portuguesa e à “apologia e crítica contemporânea da expansão”.

Já se vê que *A Busca de Sentido* não é uma obra propriamente dita, com unidade canónica — de tempo, tema, género, espécie ou método. Mas sabemos como é hoje comum em todo o mundo, inclusive universitário, a publicação de livros que são colectâneas ou miscelâneas; e sabemos como essa prática parece convir a autores que se repartem por gostos, tarefas, solicitações, a editores que se interessam especialmente pela actualidade e pela brevidade ou descontinuidade ensaística, e a leitores que, como os editores, vivem em tempos favoráveis à pluralidade e à fragmentação. De resto, a falta de unidade canónica não implica necessariamente a falta de interesse, nem a falta de alguma unidade mais interna; pensemos em Montaigne, mas pensemos também nas colectâneas que Óscar Lopes já publicou, desde *Ler e Depois* ou *Modo de Ler* (1969) até *Cifras do Tempo* (1990), passando por *Album de Família* (1984), *Os Sinais e os Sentidos* (1986) e *Entre Fialho e Nemésio* (1987).

¹ Lisboa, Caminho, 1995.

Essa outra unidade pode dividir-se logo na tarefa pressuposta no título ou na sugestão do subtítulo: *Questões de Literatura Portuguesa*. Em todos os textos, sejam os que se referem ao séc. XVI ou ao séc. XX, se debatem questões de literatura, e questões de literatura portuguesa. Lembre-se que, apesar de ser um ensaísta invulgarmente culto, bom conhecedor de várias literaturas e línguas, ele só excepcionalmente se ocupou de autores estrangeiros (e os escassos ensaios de excepção privilegiam, não por acaso, os brasileiros). Sob esse como sob outros aspectos, Óscar Lopes parece-se com outro ensaísta maior da nossa cultura actual, Eduardo Lourenço, que todavia, ao contrário de Óscar, tem residência fixa no estrangeiro, embora se queira in-fixo como pede a boa tradição dos navegadores e aventureiros portugueses, alguns dos quais também eram escritores, como Fernão Mendes Pinto, o autor da *Peregrinação*, ou como Jorge de Sena, o autor de *Peregrinatio ad Loca Infecta*, que por sinal era cunhado de Óscar.

Mas a unidade de que falo pode passar por outros aspectos, até mesmo temporais. Vendo bem, só dois textos, os dois primeiros, incidem sobre a literatura do séc. XVI — os outros dizem todos respeito à literatura dos sécs. XIX e XX, que sempre foram os séculos privilegiados por Óscar Lopes, talvez porque sempre se empenhou em perceber, como um moderno, a génese e as configurações da sua e nossa modernidade, ou porque como alguns românticos e como os homens — que muito admira — da geração de 70, se viu na necessidade de lutar a seu modo contra o obscurantismo e contra a decadência de Portugal.

De qualquer modo, é um facto que neste e noutros livros, com excepção da *História da Literatura* de que é co-autor, se faz notada a ausência da literatura medieval, da literatura do séc. XVII e, sobretudo, da literatura do séc. XVIII que, aparentemente, deveria atrair o intelectual e o racionalista que ele é.

Assim, *A Busca de Sentido* aparece não só como uma obra coerente em si mas também como uma obra coerente com a restante produção do autor. E talvez nem seja por acaso que ela comece por Camões, o poeta que motivou a sua estreia literária e ensaística em 1942; foi neste ano que o liceu de Vila Real publicou *As Grandes Ideias de Camões*, título e texto de uma “lição” que do fascínio das “grandes ideias” ao gosto problematizante, à convocação de vários saberes, inclusivamente linguísticos, ao combate às “ideias feitas”, continha já as marcas do crítico e ensaísta que hoje conhecemos de inúmeros textos publicados ao longo de 53 anos, e que o transformaram no mais completo e fecundo ensaísta vivo da literatura portuguesa.

Alguns dos textos de *A Busca de Sentido* parecem, para usarmos metáforas musicais tão ao gosto do autor de *Uma Espécie de Música* (1981) e de *Uma Arte de Música e Outros Ensaios* (1986), modulações, variações sobre textos anteriores, ou até “prelúdios de futuros desenvolvimentos” (p. 90): “gostaria de discutir — mas com bastante mais vagar e com bastante mais rigor” (p. 98); “Eu gostaria de um dia estudar melhor...” (p. 126). Estas frases referem-se à obra de Antero, presente em três textos do livro, textos que não podemos dissociar da sua obra de 1984 *Antero de Quental — Vida e Legado de uma Utopia*.

Nessas variações se define também a verdadeira vocação ensaística de Óscar Lopes. Porque como já em 1946 fora extensamente dito por Sílvio Lima no *Ensaio sobre a Essência do Ensaio*², e como lembra Óscar de passagem, o ensaio “é, na origem, um derivado nominal de *exagitare*, que parece exprimir o sucessivo ajuste, a pôr e a tirar, das pequenas peças metálicas nobres, até chegar ao ponto de equilíbrio com o peso padrão”; não pode, pois, separar-se do conceito de ensaio o conceito de *tentativa*, palavra que se relaciona com a ideia de *tenere* (segurar), *temptare* (tactear, tocar, sondar), e, “mais indirectamente”, *tendere* (estender); “não se sabe ao certo ao que se vai (pode ser sempre mais, ou menos, imprevisto); e parte-se de algo de impreciso, como um pseudópode que se estende para fora a partir da célula total”³.

Mais do que a unidade, o que interessa sublinhar nos textos de *A Busca de Sentido* é a sua qualidade ensaística e a inteligência com que enfrentam, levantam e resolvem questões ou problemas. E talvez seja possível definir o modo como Óscar Lopes tira partido (ou sentido) dos textos:

— Ele gosta de partir do conhecimento inteiro não só de um texto central ou privilegiado mas também da produção inteira do seu autor, mesmo quando foi tão prolífico e tão diverso como Camilo, Antero, Pessoa.

— Ele gosta dos voos altos, das visões amplas e sintéticas, dos “relances”, mesmo que não deixe de fazer voos rasantes e nalguns casos análises parciais e microscópicas; mas nunca deixa de tentar integrar o particular no geral, ou de traçar círculos cada vez mais amplos: um conflito religioso anterior leva-o a reflectir sobre o teísmo ou o deísmo; o

² Coimbra, Livraria Académica e Saraiva & Editores.

³ *A Busca de Sentido*, p. 11.

personagem “brasileiro” exige-lhe uma tipologia “mais larga do esclavagismo ou violência colonizadora”; o narrador de um romance de Eça obriga-o a reflectir sobre a narração homodiegética ou sobre a narração em geral.

— Ele gosta das ideias mais do que das formas, embora as não despreze; chega a falar de “pensadores” em vez de “escritores”; e gosta especialmente das “grandes ideias” mesmo quando se demora numa metáfora ou numa sinestesia (p. 141), num conector (p. 141), numa etimologia de nome próprio (p.85) ou comum (p. 67), numa grafia (p. 262).

— Ele gosta de enlaces temáticos, que por vezes lhe pedem trabalho sobre as relações intertextuais e até intersemióticas, sincrónicas e diacrónicas, como lhe pedem o rigor de saberes não-literários e não-linguísticos, que tanto podem vir do campo da história e da filosofia (não se esqueça que ele se licenciou em “Ciências Histórico-Filosóficas”, já depois de se licenciar em “Filologia Clássica”) como dos campos das artes plásticas, o que lhe permite citar Rembrandt e Columbano quando trata de Camilo (p. 65), da coreografia, o que lhe permite invocar Nijinski a propósito de Bento da Cruz (p. 264), da música, o que lhe permite falar no canto e no barthesiano “grão da voz” a respeito de Eugénio de Andrade (p. 232), e até das ciências exactas, incluindo a geometria fractal (p. 40).

— Ele gosta de enquadramentos sócio-histórico-culturais, o que chama “bastidores epocais” ou “extratextos” e até “hors-textes” (p. 230), pelo que também gosta de indicar datas e fases evolutivas.

— Ele gosta de escapar a rígidas metodologias, e até gosta de digressões; não ignora as modernas correntes críticas, pois chega a valer-se da sua por vezes arrevesada nomenclatura, e quando muito, já que o fascinam as ideias e o sentido, os “nós cegos”, as contradições, os conflitos, não consegue disfarçar o seu gosto pela hermenêutica que, como lembra e bem, deve o nome a Hermes.

Este gosto é desde logo traduzido pelo título *A Busca de Sentido*; e convirá reparar que não é *do* mas *de* sentido. A “busca” pressupõe que o ensaísta coincide com um *viajante* (lembre-se o que dizia Sá-Carneiro: “viajar outros sentidos, outras vidas”), ou um *aventureiro*, ou um *detective*; se, de acordo com Northrop Frye, a busca define o herói romanesco de todos os tempos, também define o ensaísta que não se limita a entender o que nos textos é dito mas também o que neles é entredito, e até interdito.

Porque, como lembra Eco em *Limites da Interpretação*⁴, os textos dizem sempre outra coisa para lá do que é dito, verificação que obriga a reflectir sobre o papel do leitor, sobre o “pacto do leitor” (p. 75), sobre os protocolos ou sobre o “código de leitura” (p. 78) mas também sobre o que seja o sentido, que aparece como determinativo do título.

Óscar fala de textos, ou partes de textos, que o perturbam (p. 83), diz que Camilo o desorganiza (p. 40) mas nunca foge ao corpo a corpo com o texto, a uma “leitura directa e atenta de cada texto”. A sua referência a “sentido” no singular, quando outro seu livro falava em “sentidos” (*Os Sinais e os Sentidos*) talvez devesse exigir uma reflexão introdutória. Mas essa reflexão já estava feita no prefácio desse livro, onde se lia: “Confesso que, ao certo, ao certo, não sei o que o(s) sentido(s) seja(m). Mas procuro fazer sentido, com as minhas circunstâncias e os meus interlocutores, cooperantes ou não”⁵.

O debate sobre o sentido que se vem fazendo nos últimos anos leva à convicção de que não há um sentido porque há uma pluralidade de sentidos, mas também obriga a pensar sobre a existência de “limites do sentido” ou da *semeiose* e sobre os condicionamentos do leitor ou da leitura. Notaremos que no título do livro de Óscar Lopes se insinua logo pelo menos um duplo sentido em “sentido”, que se pode ler como “a busca de significado” ou “a busca de direcção”, de razão de ser ou de orientação. E várias passagens do livro evidenciam vários sentidos de “sentido”:

— “a sua/de Caeiro/ pretensão de *ver*, apenas *ver*, e de falar com sentido daquilo que apenas vê” (p. 135)

— “tem que *ver*, ou talvez não tenha que *ver*, com o saudosismo em sentido estrito ou sentido lato” (p. 141)

— “respostas trocistas de segundo sentido” (p. 267).

Noutras passagens, Óscar não deixa de lembrar a questão da “incompreensibilidade radical de tudo”, ou a “intérmina” hermenêutica da saudade portuguesa, ou a pessoana relação entre *sentir* e *mentir* (p. 143).

Esforzando-se tanto por “viajar sentidos”, perseguir sentidos, descobrir sentidos nem por isso Óscar Lopes deixa de pertencer à raça infelizes dos que Eduardo Lourenço sem ironia designou como escritores por conta doutrem, e que Cioran também estigmatizou: “o verdadeiro escritor

⁴ *I Limiti dell'Interpretazione*, Milão, Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Eas S.p.A., 1990; trad. portuguesa de José Colaço Barreiros, Lisboa, Difel/Difusão Editorial, 1993.

⁵ *Os Sinais e os Sentidos*, Lisboa, Caminho, 1986, p. 10.

escreve sobre os seres, as coisas e os acontecimentos, não escreve sobre a escrita”.

Mas que escritor escreve sem ter no horizonte ou como suporte o que outros escreveram? Escrevendo o que escreveu, Cioran definia-se como falso escritor; mas que lhe faltava para ser “verdadeiro escritor”? A nobreza ou grandeza de um escritor virá só da sua relação com o real (medida em textos...), não da sua relação com textos? A hierarquia das actividades literárias e artísticas parece durar quando até as dos géneros foram desmoralizadas. O curioso é pensar que no período classicista era o ensaísta que entre as espécies de escritores gozava de maior estima e consideração sociocultural.

Óscar Lopes tem passado a vida a falar dos outros — e de que maneira. Mas quem fala dele? Quem mesmo na sua cidade se dá conta da grandeza deste homem aparentemente tão frágil? O “tédio de estar defronte”, que viu na “Tabacaria” de Álvaro de Campos, não é com ele, que gosta de se defrontar ou confrontar — frontalmente, fraternalmente — com os outros, mesmo que a tarefa de querer entender os outros e o mundo ou a vida lhe pareça modesta e precária “num mundo de quinze mil milhões de anos” que talvez ainda tenha “outros tantos quinze mil milhões de anos para a frente” (p. 121).

A propósito de *A Busca de Sentido*, falei em sentido e em frontalidade. Pois bem: diante de Óscar Lopes, do historiador e ensaísta literário ou do intelectual e do homem modesto que ele é, penso que todos nós, mesmo os que nunca fomos pelos ritos militares, deveríamos pormo-nos em sentido.

Arnaldo Saraiva